PAGINAS INEDITAS DA HISTORIA COLONIAL

PRIMITIVO COMMERCIO MARITIMO DO CEARÁ

CARLOS STUDART FILHO

Por inadaptavel ás condições especialissimas do ambiente brasileiro, havia fracassado o systema das donatarias com que D. João III pretendera assegurar a colonização de seus vastos dominios transatlanticos.

Revertera o Ceará, mais uma vez, á plena posse da corôa lusitana.[1] Situado fóra da róta das especiarias, sem productos que pudessem, pelo seu valor, desafiar a cobiça dos descobridores, presos ainda ao fascinio das minas sertanejas e das riquezas do Levante, continuou, porém, nossa terra, completamente desamparada do governo português.

De longe em longe, barcos armados para a navegação costeira, velejando rumo de norte, deixavam ficar, na vastidão deserta de nossas praias, caçadores de ambar, desafrontados e tenazes, que, depois de varejá-las longamente, regressavam com a colheita *pedibus calcantibus* a Pernambuco. A isso cingiam-se as relações de contacto dos colonizadores com as glebas nordestinas, mergulhadas em plena barbarie. Só muito mais tarde, quando os moradores da Paraíba sairam á conquista do Maranhão, fundando nas regiões percorridas novos fócos irradiadores da cultura occidental, lograria ella merecer, por algum tempo, a attenção solicita dos dirigentes metropolitanos.

Neste comenos, aproveitando-se do abandono em que jaziam os vastos costões do meio-norte, infinito numero de piratas de todas as nacionalidades, frustrando sempre os intuitos das armas peninsulares, vinha aqui refrescar-se, fazer aguada e livremente

traficar com os nativos. Trocavam os generos de grangearia indigena por mercadorias do Velho Mundo, entretendo, desse modo, intenso commercio clandestino.

De visitas feitas por marujos europeus, particularmente hollandeses, ao nosso litoral, visitas continuadas mesmo depois do malogro da expedição desbravadora de Pêro Coelho de Sousa, ficaram-nos documentos de inquestionavel valor historico. Entre elles se conta o roteiro de João Baptista Syens, de Amsterdam, que deu fundo no Mucuripe, em 1600, no afan de adquirir objectos da industria do país, e o diario do traficante Hendryck Hendrycksen, que aqui esteve com igual proposito em companhia do capitão Claes Adriaesen d'Ackersloot, pelas alturas de 1600.

Era, porém, o pavilhão dos filhos dos penhascos brumosos da Bretanha e da Normandia que ameude flutuava entre as abras e golfãos da costa cearense. Dotados de largo espirito de iniciativa, habeis e praticos, esses perlustradores irrequietos das plagas atlanticas traficavam com tudo aquillo que fosse susceptivel de alcançar preços compensadores nos mercados de França. Tinham, assim, motivos sobejos para assiduas visitas.

No periodo de que nos occupamos, nossa terra produzia, para a exportação, bastante tabaco, cujo uso já então se diffundira no Antigo Continente, oleos balsamicos, ambar e aves, particularmente papagaios, muito apreciados dos brancos pelo vivo colorido de suas pennas e pela natural habilidade em imitar as vozes humanas. Carregavam-se por centenas essas aves palradoras nos portos do Brasil e vendiam-se a seis ducados a peça, quando começavam a falar o francês, segundo a estimativa do Barão de Saint-Blancard em protesto feito perante o tribunal das prezas de Bayona. Quando á loquacidade alliavam o vistoso da plumagem, ellas attingiam então preços verdadeiramente fabulosos, como aquelle papagaio que foi dado de presente ao duque de Joyeuse, por occasião de tomar posse do almirantado de Normandia. Adquiriram-no os amigos e admiradores do almirante por cento e doze libras tornesas, ou sejam,

em moeda legal de hoje, aproximadamente 500 francos, ouro. (1)

Daqui, exportavam-se tambem fios de algodão, algodão em rama, rêdes, pimenta, gengibre e toros de madeira de tinturaria, de talha e de lei, de variadas especies phytologicas.

Havia com effeito, nas agrestes matarias da terra, paus de côr amarela, a que os nativos denominavam *tatajuba*, rôxa, chamados ainda hoje «pau-violeta», vermelha e negra. Estes tinham o nome barbaro de *uwagug* e davam uma substancia corante de bellissimo tom azevichado.

A *tatajuba*, commum nas cercanias de Mucuripe e barra do rio Ceará, servia á confecção de obras de entalho e aos trabalhos de ensamblagem.

O mais importante producto vegetal que a região offerecia ao trafego era, todavia, o pau-violeta, conhecido em França por «bois de mandril» ou «bois violet».

Nomeavam-no *uguyraquatiara* ou *iburaquatiara* os nossos incolas.

A madeira citada não fornecia materia corante, mas servia, admiravelmente, á feitura de moveis de luxo e ao fabrico de obras de tauxia. Seu ponto de maior producção era, até 1610, e barra do rio da Cruz. Pouco encontradiça no solo da capitania e de qualidade inferior á de proveniencia pernambucana, a nossa *iburapitanga* não era, por isso, menos desejada dos que contrabandeavam madeiras nordestinas. Empregada em tinturaria e prestando-se muito bem a ser serrada ou lavrada para as construcções, era, por isso, sempre insistentemente reclamada pelas industrias civis de além-mar.

Tão intensa se fazia por vezes a procura e consequente valor dessa mercancia, que importantes casas de Dieppe, Ruão e Honfleur não trepidavam, para consegui-la, em equipar pequenas frotas e expô-las aos perigos e incertezas das expedições transocea-

---

(1)—Apud Gomes Carvalho, «D. João e os Francezes»—Lisboa, 1894.

nicas. A alta dos preços correntes compensaria todos os prejuizos.

Recordemos que o subtil e atilado Diogo de Gouveia dera annos antes, como uma das causas determinantes, senão unica, da pirataria que as armas de D. João III forcejavam em vão por varrer dos mares, o desejo que tinham os franceses de obter nossas madeiras.

Todo o commercio entre advenas e incolas tinha lugar aqui, como alhures, ao longo do praial brasileiro, onde prosperava ainda o contrabando, por troca directa de utilidades.

Era a barganha na sua forma mais simples e primitiva. Para realizá-la, tornava-se necessario apenas que a bugraria rumasse ás embarcações piratas, levando em canôas e jangadas os artigos da região. Uma vez a bordo, entrava a caboclada afoita em conluio com os tripulantes, que, de ordinario, lhes traziam fazendas, machados, foices, pentes, facas, missangas, anzoes e espelhinhos, e, na propria coberta do navio, ajustava-se o valor das permutas.

O contrabando de madeiras se fazia preferentemente por intermedio de individuos que, propelidos por uma ansia quasi morbida de liberdade sem peias, ou arrastados pelo simples espirito de aventuras, se deixavam ficar em terra, passando a viver em intima camaradaria com seus rudes moradores. Segregados do mundo, esses homens, de ordinario ainda jovens, nivelavam-se aos nativos, tomando parte em todas as manifestações da vida social da cabilda que generosamente os acolhera e tratara, mesmo as mais repugnantes aos olhos dos civilizados.

Referem chronistas dignos de fé que, estranhamente pintados e ataviados de penas multicôres, muitos delles não trepidavam, por occasião de certas cerimonias rituaes das tribos, em deglutir gostosamente nacos sangrentos de carne humana. Assenhoreados, destarte, de sympathia e, não raro, da admiração respeitosa dos gentios, percorriam-lhes as aldeias, mato a dentro, levando-os, com astucia e habilidade, a trabalhar na derrubada e no transporte das madeiras de que necessitavam.

Fazendo da exploração dos recursos florestaes razoavel occupação daquelles povos nomades, logravam, os agentes dos contrabandistas, reunir em pontos determinados os toros destinados ao carregamento dos navios de seus compatriotas.

Grandes incentivadores do labor indigena, agiam á maneira dos modernos correctores de fretes maritimos. (2) Sem esses esplendidos collaboradores, era extremamente difficil aos flibusteiros aprovisionar de prompto seus barcos, mesmo quando fossem de minguada tonelagem.

Não devemos dissimular que uma longa estada em aguas nacionaes constituia para elles grave perigo. A corôa portuguesa, não obstante negligenciar os interesses brasileiros, continuava a julgar illegaes as transacções apontadas e a fazer punir de morte os contraventores particularmente audazes e renitentes. Com o correr do tempo, mais de um contrabandista pagaria com a vida, nas mãos impiedosas de Martim Soares Moreno, a imprudencia de se ter deixado surprehender barganhando com os selvicolas do Ceará.

No intuito de facilitar o intercambio commercial, certos especuladores estabeleciam, ás vezes, entre os medões arenosos das praias, feitorias ou postos de trafego, fechados em seguras paliçadas, onde seus navios vinham meter mercadorias. Temos noticia de uma chalupa francesa, que, por não possuir na terra agentes de escambo, ficou mais de seis meses retida na barra do rio Camucim, á espera de que, do interior, provavelmente das alturas planalticas de Ibiapaba, lhe viessem os paus necessarios a completar sua carga.

Difficil empresa aquella a que se abalançavam os selvicolas para servir á ganancia commercial de seus astuciosos amigos.

Utilizando apenas machados e cunha de pedra

---

(2) – Depois da conquista, alguns franceses, egressos da patria para as tabas dos nossos indigenas, passavam ao serviço dos portugueses, como interpretes e guias. Tuimirim, um desses estranhos heroes de rapinagem, acompanharia Pêro Coelho, na qualidade de lingua e pratico da costa.

polida, deviam abater as arvores seculares que elles proprios conduziriam depois ao embarcadouro.

Já foram descritas essas esquisitas procissões de brasis suarentos levando aos hombros, em correrías loucas através de veredas accidentadas e longas, enormes toros de madeira, trabalho que demandava dias e até semanas de esforço physico intenso e continuado. Só afeitos, como eram, por um treinamento continuado desde a infancia, podiam elles resistir a tão arduo exercicio.

E' de acreditar-se que, vez por outra, parallelamente ao nativo, o europeu se incumbisse de madeirar. Tal facto devia, porém, succeder mui raramente.

Como retribuição de tantos trabalhos e sacrificios, recebiam os da terra apenas missangas, enfeites, pannos e ferramentas agricolas, e davam-se por bem pagos. Crianças grandes, para quem a moeda não tinha significação, aquelles rusticos prezavam acima de tudo os objectos de ornamentação, taes como pannos de cores vivas e avelorios brilhantes. Muito procurados eram tambem pelos brasis os anzoes, pentes e espelhinhos. Os mais augustos davam preferencia aos instrumentos de lavoura, facas e canivetes.

Consoante Rocha Pombo, o grande historiador recentemente fallecido, por uma foice ou um machado chegava um selvagem a dar tudo que tinha.

De tão ingenua preferencia se aproveitavam jeitosamente os solertes especuladores estrangeiros, auferindo lucros estonteantes de seu commercio illicito. O carregamento de um navio, que na Europa representava uma verdadeira fortuna, não lhes custava aqui senão quinquilharias de infima qualidade.